

GTPOS

Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual

EDITORIAL

O trabalho de Orientação Sexual em escolas pode desdobrar-se em muitos formatos. Oficinas, trabalhos pontuais, palestras, materiais educativos, vídeos, são instrumentos úteis para sensibilizar e introduzir o assunto, ou mesmo para abordar e aprofundar algum tema específico.

No entanto, nada substitui a consistência que uma experiência processual e sistemática de Orientação Sexual pode proporcionar. Por isto, este número do **Boletim GTPOS** traz o relato de uma experiência, onde um grupo de professores de uma escola pública encampa a idéia, fazendo dela um projeto profissional. Esperamos que possa fazer sentido e entusiasmar outros professores pelo Brasil afora.

Num outro vértice de nosso trabalho, continuamos a nos sentir instigados pela contato próximo com a adolescência e nossos adolescentes. Seja iluminando alguns dos porquês, como no artigo "Adolescência e Subjetividade", seja ao questionar nossas próprias referências conceituais, como na coluna Polêmica.

A novidade deste número vem numa nova seção – **CURTAS** – onde de modo breve e informal, os membros do GTPOS dão dicas que variam do aprofundamento teórico ao lazer. Até breve!

Francisca Vergueiro

Vivência em escola pública

por Maria Rosa da Silva e
Maria da Glória Camargo Macruz

O Projeto de Orientação Sexual, na Escola Municipal "Cora Coralina" da cidade de Mauá – São Paulo, aconteceu pela confluência de interesses: do GTPOS, em implantar a Orientação Sexual em escolas; da ABRINQ/NATURA, em financiar projetos para melhoria do ensino em escolas públicas; da Secretaria Municipal de Educação e da Escola "Cora Coralina", em trabalhar Orientação Sexual.

Essa caminhada iniciou-se em maio de 1999, com os entendimentos entre as instituições e a elaboração do projeto. Somente em fevereiro de 2000, o trabalho começa a ser desenvolvido na escola.

Atualmente, todas as escolas públicas recebem muitas solicitações, enfrentam verdadeiros desafios no seu dia a dia. Os professores têm excesso de trabalho, de responsabilidades e lhes falta tempo. Uma proposta nova traz dificuldades e uma série de exigências. Acrescente-se a isso o fato do trabalho com sexualidade estar impregnado de preconceitos, de tabus e resistência por parte de muitos educadores.

Entretanto, se há uma equipe técnica: diretor, assistente de direção, coordenadores pedagógicos e um grupo de professores que acredita nesse trabalho educativo, o processo ocorre.

Foram realizados três cursos

"O que está em evidência neste projeto é uma questão atitudinal, postura de encarar o trabalho de educação."

Vivência em escola pública

CONTINUAÇÃO DA CAPA

iniciais de 16 horas cada um, tendo envolvido um total de 68 pessoas. Além dos professores estavam presentes, pessoal da secretaria e dos serviços gerais da escola, pais de alunos e representantes das Secretarias da Educação e Saúde. A troca entre pessoas de diferentes profissões trouxe momentos especiais e enriquecedores para o trabalho.

Os professores interessados em desenvolver o projeto inscreveram-se para supervisões, que foram realizadas em horários destinados às Horas de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC). As supervisões são necessárias porque o assunto é evitado de preconceitos e para que os professores se sintam seguros e possam iniciar o trabalho com seus alunos, eles precisam de acompanhamento. Elas vão dar suporte sobre como realizar o trabalho, a reunião com os pais e principalmente, criar espaço para discussão e aprofundamento dos temas. É parte de um processo que vai capacitar o educador para ouvir, observar, perceber as demandas da classe, problematizar e orientar os debates, enfim, criar um espaço para reflexão e construção coletiva do conhecimento.

Os professores realizaram reuniões com os pais, explicando-lhes a proposta e houve muita receptividade por parte das famílias.

Iniciando o trabalho com os alunos, nas supervisões que se sucediam, as discussões se tornaram mais acaloradas, as trocas mais ricas e intensificava-se a coesão entre as pessoas. Nas séries iniciais, os professores trabalharam os temas transversalmente e de quinta a oitava séries e suplência também, em espaço específico.

Os alunos vibravam com os encontros de orientação sexual e a eles não faltavam. A esse respeito expressou-se um aluno: “Com o projeto de orientação as dúvidas foram explicadas e entendidas, talvez estaríamos mais empenhados nas aulas não só de sexualidade como em outras aulas”. Outra assim se manifestou: “As aulas de orientação sexual foram ótimas,

elas me ajudaram a me relacionar com as pessoas e a me conhecer melhor”. Os alunos de classe de suplência, cujas idades variavam entre 17 a 60 anos, aproveitaram as aulas, não só para si mesmos como também para orientar os filhos, como expressa esse depoimento: “Hoje, depois dessas aulas se tenho vontade de perguntar as coisas para meus filhos eu pergunto e deixo espaço aberto para eles ficarem desinibidos e perguntarem qualquer coisa sobre o assunto”.

“Vale a pena insistir na construção de um trabalho coletivo.”

Cada vez mais os professores se disponibilizam para o trabalho. Dificuldades houve e muitas. Mas, a cada nova supervisão era perceptível o crescimento dos professores, a assimilação da metodologia, a mudança de postura e o entusiasmo pelo trabalho. As palavras de um professor deixam bem claro: “O que está em evidência neste projeto é mais do que conteúdo, é mais que falar do assunto, é uma questão atitudinal, postura de encarar o trabalho de educação, a profissão”. Em relação às dificuldades, disse, um professor: “Vale a pena insistir na construção de um trabalho coletivo diante das dificuldades surgidas? Hoje, um ano depois, a resposta é sim...”.

Durante todo o processo, os professores estavam cientes da necessidade de se formar uma equipe de coordenação para o projeto ter continuidade, pois, no primeiro semestre de 2001 (31 de maio) findava-se o prazo para permanência do GTPOS na escola. Assim sendo, cinco professores e mais um coordenador pedagógico constituíram a equipe de coordenação, responsável pelo projeto a partir de junho de 2001. Essas pessoas, apesar da exiguidade de tempo, mostraram-se dispostas a ler, atualizar-se, aprofundar-se nos conhecimentos, incentivar e receber novos colegas interessados em desenvolver esse projeto, bem como profissionais de outras áreas. É uma equipe disposta a multiplicar o trabalho, não só na escola, mas em outras entidades da comunidade.

Aqui, de tudo um pouco, para quem quiser conferir.

“O apanhador no campo de centeio”, de J.D. Salinger (Editora do Autor) é um profundo mergulho na intensidade das experiências de um adolescente. É sentir na carne a complexidade do amadurecimento. Para quem já leu, vale reler, e para quem não leu vale conhecer. De qualquer modo, dá o que pensar.
Francisca

Um filme imperdível que está chegando ao vídeo é BILLY ELLIOT do diretor inglês Stephen Daldry. Um menino de 11 anos com talento para balé, tem que enfrentar os limites estreitos dos estereótipos de gênero do seu meio. Como crescer como homem, dançando balé e sendo feliz? O garoto Jamie Bell, que faz Billy é sensacional e dança com personalidade e muito bem. Não dê bola para alguns críticos de cinema que não gostaram do filme. Ele é ótimo, merece ser conhecido, difundido e debatido em todos os lugares. É longa-metragem (110 minutos) mas cabe perfeitamente no trabalho de Orientação Sexual.
Egypto

Nota dez! O Treinamento em Sustentabilidade que aconteceu entre 21 e 25 de maio, no Hotel Excelsior/S.P.. Muitas informações, excelente equipe de trabalho e novos amigos.
Beth Bahia

Quem tiver a oportunidade de ver no teatro VISITANDO o Sr. GREEN não vai esquecer tão cedo. O texto de Jeff Baron nos envolve mostrando a solidão e os desencontros que os preconceitos e a discriminação produzem no ser humano. Paulo Autran, este ator genial que é um mito do nosso teatro, tem uma atuação brilhante como um velho judeu rabugento. Divide a cena com o talentoso Cássio Scapin no papel de um jovem executivo homossexual. Da relação destas duas figuras nasce um emocionante convite à tolerância e ao respeito à diversidade. A direção é de Elias Andreato. Está em São Paulo, mas deve excursionar pelo Brasil. Assim espero.
Egypto

Vem aí um material inédito para educadores e jovens sobre GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA elaborado pela equipe do GTPOS!!! Aguardem!!!!!!!!!!
Cecilia

A Aids ainda traz muitas questões e dúvidas para educadores e profissionais de saúde. Uma boa sugestão é encarar a leitura do livro A AIDS de Marcelo Soares, da coleção “Folha Explica” do Publifolha. Ele procura tratar de tudo o que diz respeito à Aids com o máximo de informação possível. É um trabalho de fôlego para um livro tão pequeno. O resultado compensa – e esclarece. Vai nessa!
Egypto

As Nações Unidas farão uma sessão especial, nos dias 24 e 25 de junho, em Nova York, sobre HIV/aids - UNGASS. Trago notícias sobre a participação das Ong's brasileiras na próxima edição do **Boletim GTPOS**.
Beth Gonçalves

Foi um sucesso a barraca do **Trance essa Rede** no Domingueiração, dia 10 de junho, em pleno Minhocão (SP). Cerca de 50 adolescentes e muitos profissionais coordenaram atividades culturais (capoeira, teatro espontâneo e outros) e desenvolveram ações de prevenção das DST/aids.
Beth Bahia

O Hospital Pérola Byington criou um programa para atender às vítimas de violência sexual, para mulheres e crianças. O endereço é: Av. Brig. Luís Antonio, 683 São Paulo/SP tel.11 – 232.3433 (r. 292 e 341).
Glória

Adolescências

por Antonio Carlos Egypto e Sílvio Boch

Você quer participar do nosso Boletim?

Você e sua equipe, ou colegas de trabalho querem publicar no **BOLETIM GTPOS** uma experiência inovadora dentro da temática da Orientação Sexual, relacionada à prevenção da aids?

Escreva para nós, enviando seu de texto (até uma lauda, 20 a 25 linhas digitadas).

A experiência mais interessante será publicada na próxima edição.

Não nos comprometemos a publicar mais de um texto, porém todos os que enviarem artigos terão uma resposta por escrito.

Outro dia, participando de um debate sobre o tema “Adolescência”, uma jovem pediu a palavra e, questionando as pessoas presentes à reunião, disse mais ou menos o seguinte: “Eu odeio quando ouço os adultos usarem o termo ‘adolescência’ para se referirem aos jovens, porque com isso desmerecem aquilo que estamos sentindo”. A jovem fazia referência à compreensão, mais ou menos universal, da adolescência como uma etapa, uma fase da vida do indivíduo, intermediária entre a infância e o mundo adulto e que necessariamente será ultrapassada, e que acaba por desmerecer ou desacreditar aquilo que está sendo vivenciado. As emoções, sensações e experiências vividas pelos jovens teriam algo de provisório, algo de transitório em direção a um comportamento mais estável e previsível quando “amadurecessem” um pouco mais.

De um lado, a adolescência é vista como tempo de espera, intermediário, “moratória”, uma espécie de “limbo” social. De outro, é ideal de beleza e juventude e mercado de consumo fartamente explorado.

E os adolescentes em carne e osso, com quem lidamos, se vêem retratados, se identificam com esta categoria *adolescência*, que usamos tão familiarmente?

Os jovens das camadas baixas, presentes no mercado formal e informal de trabalho desde muito cedo, os voluntários de classe média e alta, aqueles que se engajam nos mais diversos movimentos ecológicos, políticos, artísticos, musicais, a turma do hip/hop, do funk, da MPB e da música clássica, o que têm de fato em comum, além da idade?

As gangues juvenis urbanas, com suas diversas tribos, o pessoal dos rodeios do interior, a galera das torcidas organizadas do futebol e a turma dos esportes radicais, entre tantos outros, formam agrupamentos que adquirem uma identidade social a partir destas vinculações. E isto vale pelo tempo que durarem esses vínculos. Novos virão depois, não necessariamente mais “amadurecidos” (o que quer que isto signifique).

A adolescência é um fenômeno histórico e de classe e assim deve ser observado. Não há uma vivência universal de um dado tipo de comportamento numa certa faixa etária. A idéia de que existe uma categoria humana – a adolescência – é muito recente na história da humanidade. É uma construção do começo do século XX. É, este mesmo que mal terminou.

A adolescência é também um fenômeno cultural. A grande maioria das culturas utiliza rituais de passagem para a vida adulta, mas muitas não vêem a adolescência como um período, nem têm palavras em seus idiomas para designar tal fase.

A puberdade caracteriza o fenômeno físico da adolescência, mas que será vivido de muitas maneiras diferentes, em função de determinantes socioculturais e econômicos e da história de vida de cada pessoa ou grupo social.

Talvez seja melhor pensar em adolescências, deixando um pouco de lado conceitos genéricos, e procurando entender a diversidade de grupos sociais onde estão os adolescentes brasileiros, com suas especificidades, seus valores, sua história, seus limites e possibilidades. É isso.

Adolescência e subjetividade

por Maria Aparecida Barbirato

Contardo Calligaris, em seu livro “A Adolescência” – Publifolha, 2000 – faz uma reflexão abrangente e original sobre este tema, que me pareceu interessante compartilhar com os leitores deste Boletim.

Ele fundamenta seu ensaio em três vértices, apontados numa bibliografia comentada.

O primeiro deles, recupera a história da **adolescência como conceito e como problema modernos**, constituídos nos últimos cem anos. O segundo, ilustra a **instituição da adolescência como ideal social**, por meio das produções culturais. E o terceiro vértice, **articula a história da infância idealizada** – conforme desenvolvida por Philippe Ariès, como consolo indispensável ao individualismo moderno – **com o surgimento da adolescência, como seu derivado contemporâneo**.

Com estes pressupostos como cenário, Calligaris discorre sobre a sinuca que é a “moratória” imposta aos indivíduos neste período da vida que, hoje, tão automaticamente chamamos de adolescência.

A começar pela sua duração que, se causa alguma discussão sobre quando começa, não tem uma resposta clara sobre quando termina. Esta indefinição sobre o que é ser adulto na nossa cultura, somada à idealização da adolescência como “os melhores anos de nossas vidas”, além de produzir uma enorme confusão na cabeça dos jovens, contribui para torná-la cada vez mais longa. Se não está claro quais são os requisitos necessários para alcançar a maturidade e, além disso, se ser jovem é tão mais interessante do que ser adulto, como fazer para ultrapassar a adolescência? E, será que vale a pena?

Na verdade, a significação da adolescência como ideal cultural, isto é como modelo identificatório para adultos, expressa a complexidade da tarefa de administrarmos o conflito perene entre sonhos e desejos versus valores culturais e realidade. E os adolescentes parecem ter sido eleitos como os protagonistas deste drama da nossa cultura.

Para complicar um pouco mais a história, o autor aponta como este modelo de “moratória” é circular e contraditório. Circular, porque a alegação da espera imposta, é para que o adolescente amadureça. Mas, se ele/ela não pode experimentar, como poderá aprender, isto é,

amadurecer??? E contraditório, porque prega a obediência a essa moratória, como via única para alcançar o mundo adulto, que se define na nossa cultura pelos valores centrais de autonomia e de liberdade, isto é, pela capacidade de desobedecer...!!!!

Ao acompanhar as reflexões deste ensaio, encontrei uma explicação para a imensa curiosidade que desperta um trabalho que o GTPOS faz, já há 5 anos, capacitando adolescentes como multiplicadores de ações educativas, em sexualidade e prevenção das DST/ AIDS, junto a outros adolescentes. Curiosidade tanto de adultos – profissionais da mídia e educadores em geral – como de adolescentes.

Para a adesão dos adolescentes ao projeto, a garantia de um modelo simétrico de convivência – dos adultos para com eles e deles entre si – é requisito essencial. Esta simetria deriva da idéia que cada um sabe algo de si e que é a partir desse saber que as trocas e a comunicação acontecem.

A adolescência glamourizada traz como complemento um cinzento e chato mundo adulto.

O grande diferencial deste tipo de trabalho está exatamente em oferecer ao adolescente a possibilidade de sair do lugar de “café-com-leite” para ocupar um lugar de sujeito – em contraposição ao lugar paradoxal que a sociedade lhe oferece, com relação à sexualidade: que o libera para transar mas não o instrumentaliza para que possa fazê-lo com responsabilidade. Um lugar onde tanto o direito quanto o dever dele decorrença, ficam implícitos e não ditos.

Este livro me ajudou a entender com clareza, que este paradoxo não é uma armadilha restrita ao terreno da sexualidade. Esta contradição estrutura o lugar da adolescência, nos dias atuais.

Daí, o interesse por experiências que propõem um outro paradigma. Onde o adolescente é visto, e portanto pode se ver como “gente grande”, cuidando da própria vida; onde suas indagações e propósitos têm acolhida e interlocução. E no caso do trabalho sobre sexualidade, onde a busca compartilhada a respeito de escolhas e valores grupais ou pessoais, contribui para o reconhecimento da própria singularidade, via de regra para o aprendizado e amadurecimento de todos – adultos incluídos – e para o processo infinito de construção e expressão da subjetividade de cada um.

CURSOS DO GTPOS

2º SEMESTRE DE 2001

DIAS 24, 25 E 26 DE AGOSTO

Capacitação Inicial para o Trabalho de Orientação Sexual com Adolescentes
Duração 16 horas

DIAS 14, 15 E 16 DE SETEMBRO

Capacitação Inicial para o Trabalho de Orientação Sexual com Crianças
Duração 16 horas

Informações e inscrições pelos fones:

(11) 3842-8249 e (11) 3842-2174

Os pagamentos podem ser parcelados em duas vezes.

S E R V I Ç O

ATENDIMENTO DO CDI

O Centro de Informação e Documentação é um serviço do GTPOS aberto ao público.

Nossa biblioteca e videoteca são especializadas nos temas:
sexualidade, DST/Aids e drogas.

Além dos livros e vídeos, dispomos de apostilas, relatórios, manuais, cartilhas, anais de congressos, artigos veiculados na mídia. Todos os itens podem ser consultados no local. Fornecemos listagens e indicações bibliográficas por fax, correio e e-mail.

Rua Monte Aprazível, 199 – Vila Nova Conceição
São Paulo - CEP 04513-030

Fax: (11) 3842.2174 / Tel: (11) 3842.8249

Atenção para os novos endereços eletrônicos:

gtpos@that.com.br

cdi@that.com.br

Netsite: <http://web.that.com.br/gtpos>

Telefone para agendar uma visita.

BOLETIM GTPOS

é uma publicação trimestral do GTPOS - Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual financiada pela Unesco e CN DST/AIDS - Ministério da Saúde.



Coordenação Editorial:
Francisca Vieitas Vergueiro

Rua Monte Aprazível, 199
Vila Nova Conceição
04513-030 São Paulo/SP - Brasil
Fone (011) 3842.8249
Fax (011) 3842.2174

EQUIPE DO GTPOS

Presidente: José Luiz Brant de Carvalho

Antonio Carlos Egypto, Elisabeth Bahia Figueiredo, Elisabeth Maria Vieira Gonçalves, Francisca Vieitas Vergueiro, Maria Aparecida Barbirato, Maria Cecília Pereira da Silva, Maria Cristina Domingues Pinto, Maria da Glória Camargo Macruz, Maria Rosa da Silva, Ricardo de Castro e Silva, Silvio Duarte Bock e Yara Sayão.

Colaboraram nesta edição:

Antonio Carlos Egypto, Maria Aparecida Barbirato, Maria da Glória Camargo Macruz, Maria Rosa da Silva, Silvio Duarte Bock.

CDI - Centro de Documentação e Informação:

Atendimento: Érica Aparecida Salatini.

Bibliotecária: Clara A. M. Ruggiero - CRB/8-5571
Consultoria: Maria Delcina Feitosa

Secretaria: Rita de Cássia Ap. S. Pereira e Valquiria Silva

Apoio: Fundação MacArthur

Jornalista responsável:
Nelma de Fátima Firmiano (MTB 13582)

Projeto Gráfico e Edição de

Arte: Moema Kuyumjian

Impressão: Copservice

Tiragem: 8.000 exemplares

BOLETIM Nº 20 ABRIL/JULHO 2001

GTPOS

GTPOS - Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual

Fone (11) 3842.8249 Fax (11) 3842.2174

Rua Monte Aprazível, 199 - Vila Nova Conceição

CEP 04513-030 - São Paulo/SP - Brasil



IMPRESSO FECHADO

Podendo ser aberto pela ECT